

INTERNET, SER E ESPAÇO: PRESSUPOSTOS DE FENOMENOLOGIA-ONTOLÓGICA ESTRUTURAL*

Antonio **BERNARDES**¹
Eliseu Savério **SPOSITO**²

RESUMO: A reflexão proposta neste texto se erige a partir de duas indagações: *quem é* o homem nos estudos geográficos e *como* compreendê-lo quando suas relações são mediadas pela Internet? A primeira se articula com a segunda na medida em que o *quem é* se refere ao cerne de uma indagação ontológica e o *como* de uma indagação lógica. Uma leva à outra e, como forma de abordagem, uma proposta de leitura dos fenômenos reais, a própria ontologia pressupõe o desenvolvimento lógico. Derivadas destas indagações surgem proposições de respostas que nem sempre estão claras ao pensamento, mas é necessário enveredarmos por ele ao mesmo tempo em que nos confrontamos com a realidade para captar o pensamento no momento em que se pensa. Para tanto, utilizaremos alguns dos estudos de Armando Corrêa da Silva como norteadores desta reflexão, tanto pelo caminho da exposição de sua teoria como no intuito de desenvolvê-la.

Palavras-chave: Ontologia; Ser; Meio; Espaço; Internet.

RESUMEN: La reflexión propuesta en este artículo construyese a partir de dos indagaciones: *¿quien es* lo hombre en los estudios geográficos y *como* comprendelo cuándo su relaciones son intermediadas por la Internet? La primer unese con la según cuando *lo quien es* si refiere a la esencia de una indagación ontológica y lo *como* de una indagación lógica. Una lleva a la otra y, como forma de abordaje, una propuesta de lectura de los fenómenos reales, la propia ontología supone lo desarrollo de la lógica. Derivadas de esas indagaciones surgem proposiciones de respuestas que ni siempre están claras al pensamiento, pero es necesario ir por él lo mismo tiempo en que confrontamos con la realidad para captalo en lo momiento en que si piensa. Sin embargo, utilizaremos algúns estudios de Armando Corrêa da Silva como rumo para esa reflexión, sea por el camino de la exposición de su teoria así como en la intención de desarrollala.

Palabras clave: Ontología; Ser; Medio; Espacio; Internet.

RESUMÉ: La réfléxion qu'on propose est compris à partir de deux indagations: *qui est* l'homme dans des études géographiques et *comment* le comprendre lorsque ses relations sont médiées par l'Internet? La première question s'articule avec la deuxième à la mesure que le *qui est* concerne au centre d'une indagation ontologique et le *comment* s'agit d'une indagation logique; c'est à dire, l'une conduit à l'autre et, comment façon d'aborder, une proposition de lecture des phénomènes réels, l'ontologie même suppose le développement logique. Derivées de ces indagations émergent des propositions de réponses qui ne sont pas souvent claires à la pensée, mais il faut que nous y entrons au même temps que nous défrontons la réalité pour capter la pensée au moment qu'elle arrive. Pour accomplir la proposition principale de ce texte, on utilise quelques écrits d'Armando Corrêa da Silva comme référence de la réflexion, tant à travers l'exposition de sa théorie comment en objectivant la déattre.

Mots-clés: Onthologie; Etre; Environment; Espace; Internet.

1. Introdução

Compreender *quem é* o homem ou *o que é* o ser do homem³ é uma indagação que motivou o espírito de vários pensadores. Ela remete a problemática para o processo de fundamentação do *ser* do homem, o

*Texto fruto das discussões realizadas na disciplina “Metodologia científica em Geografia: método, teoria e o pensamento geográfico” ministrada pelo Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito e pelo Prof. Dr. Marcos Aurélio Saquet no segundo semestre de 2008, pelo PPGG / Faculdade de Ciências e Tecnologia / UNESP / Presidente Prudente, e do desenvolvimento das atividades de mestrado.

¹Mestrando junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia/Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP/Presidente Prudente. Bolsista FAPESP. E-mail: antonio_h_bernardes@yahoo.com.br

²Professor junto aos Cursos de Graduação e de Pós-Graduação em Geografia/Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP/Presidente Prudente. Pesquisador PQ/CNPq. E-mail: essposito@prudenet.com.br

núcleo do pensamento filosófico, denominado ontologia. Por outro lado, se for feita uma dissociação bastante genérica, que leva a uma dicotomia, a lógica é o núcleo do pensamento científico.

Esta dissociação entre lógica e ontologia, tomadas no seu sentido mais genérico, é proposital na medida em que se busca destacar como pode ter havido um distanciamento no desenvolvimento lógico de uma ciência particular, no caso a Geografia, de uma abordagem ontológica que se atribui relevo ao processo de fundamentação do ser do homem no mundo, como o homem pensa e se pensa no mundo.

Debruçar sobre alguns *constructos* geográficos e buscar entender a ordem de concatenação destas ideias em sua relação com o real, pressupõe a epistemologia em Geografia, ou seja, o desenvolvimento de uma lógica, por meio de categorias e conceitos de determinada ciência. A questão aqui é a lógica enquanto linguagem com a qual se tenta atribuir sentido explicativo para o mundo e pela ontologia pode ser possível que se considere em Geografia o modo como este mundo envolve as formas com que o homem pensa e se pensa no mundo.

Em Geografia, compreender o meio e suas determinações para os homens é uma problemática que instigou, durante muitos anos, os debates geográficos. Ao tomarmos como exemplo alguns estudos de Max Sorre se nota que quando ele busca “entender a determinação do papel meio na formação da psicologia do grupo” (MEGALE, 1984, p.45) se torna possível realizar uma abordagem que leve em conta determinada lógica constituída e a ontologia para os estudos em Geografia. Afinal, entender as determinações do meio no desenvolvimento da vida dos homens nos remete a uma lógica, assim como, buscar entender como este meio influencia no processo de fundamentação do ser do homem ou na formação da psicologia do grupo é a instância da ontologia.

Se tomarmos esta afirmação de Sorre de modo um pouco diferente pode ser que seja possível que pelo processo de fundamentação do ser do homem se identifique um meio, geográfico, fundamentado pelo próprio homem e que também o fundamenta por esta relação. Partir do conceito de meio para elucidar o conceito de homem é versar acerca dos elementos e fatores conhecidos do meio que apontam para a sua localização, distribuição, organização e intencionalidade não se coloca em pauta o questionamento de *quem é* o homem, mas apenas aquilo que é o *conhecido* pelos homens. Nem mesmo abordar o conceito de homem ora enquanto população, demografia, classe, força de trabalho, consumidor, ora quanto às suas ações antrópicas expressas no meio, como já ocorreu em inúmeros estudos na Geografia, coloca em questão o *ser* do homem (MOREIRA, 2005, p.76-99) e sim se destaca um modo como os homens se relacionam com o mundo em determinado contexto social. Para ambas as proposições se realizam uma espécie de antinomia, coloca-se o conceito de meio de um lado e o de homem de outro.

Por outro lado, colocar a categoria espaço no centro do debate da Geografia foi relevante para a compreensão das intencionalidades materializadas no meio e em suas respectivas influências organizacionais na sociedade. Passa-se a correlacionar as dinâmicas sociais nas suas diferentes escalas geográficas e as diversas territorialidades e suas respectivas extensões e tencionamentos, seja pela própria ação dos atores ou pelas intencionalidades atribuídas aos objetos. A perspectiva da relação sociedade-natureza ganha destaque nos estudos em Geografia como um processo de explicação do mundo que atende de modo mais efetivo aos questionamentos do período. Mas, a sociedade pressupõe homens e *quem os são* quando se tem o espaço como referência nos estudos em Geografia?

Buscar *quem é* o homem tendo a categoria espaço como referência é reiterar o solipsismo. Conforme aponta Martins (2006, p.35) a categoria espaço é derivada de determinado tipo de conhecimento do mundo que aponta para os entes materiais como uma de suas propriedades fundamentais, ou seja, para uma das formas de existir das coisas. Não é a própria coisa. Para melhor argumentar sobre esta proposição, tomemos algumas considerações de Sartre (1997, p.246-247):

O espaço com efeito não poderia ser um *ser*. [...] é a maneira única pela qual seres que se mostram como não tendo qualquer relação entre si podem revelar-se ao ser pela qual a relação vem ao mundo; ou seja, a exterioridade pura. [...] Seria inútil conceber o espaço como uma forma imposta aos fenômenos pela estrutura a priori de nossa sensibilidade. (grifo do autor)

³A expressão *ser do homem* é recorrente em muitos estudos filosóficos. Conquanto, a utilizaremos nessa discussão segundo os pressupostos das teorias existencialistas. O ser indica a essência de determinada existência, no caso, a existência humana. A existência, por sua vez, é a dimensão particular do ser, sua estrutura relacional e sintética com a sua alteridade, que está no mundo. Ainda, há a expressão *ser do homem para o mundo* que aponta para o modo como o ser do homem se fundamenta em perpétua relação com o mundo.

Em Sartre se percebe que é negando a exterioridade que a consciência espacializa o espaço. Não sendo o espaço captado pelos sentidos humanos e tampouco uma estrutura a priori como propõe Kant, é a maneira pela qual os seres ou as coisas podem se revelar ao *ser* – do homem – pela qual a relação vem ao mundo. O espaço advém à consciência pela nadificação de dada exterioridade imediata, é fruto de transcendência de dada imanência. Para fundamentar o ser do homem é necessária uma relação de alteridade imediata à ideia. É na relação entre matéria e ideia que se estabelece alteridade. Eis que o espaço como transcendência de dada objetividade não possui a matéria como atributo, não realiza alteridade com a ideia. É fruto desta relação.

O espaço como transcendência crivada de objetividade traz para a discussão o modo de percepção, entendimento e representação do mundo para o homem. Aqui o ser ganha notoriedade no discurso, colocando a possibilidade de entendimento não só das influências ou determinações do meio e do espaço, mas do conflito das possibilidades humanas com estas determinações.

É deste modo que tomamos o silogismo desenvolvido por Armando Corrêa da Silva, que parte da aparência em direção à forma, tendo como termo médio o ser, ou melhor, a existência humana, correlato à proposição discursiva de fenomenologia-ontológica estrutural, possibilitando um modo de compreensão do processo de fundamentação do ser do homem para o mundo para os estudos em Geografia. Trata-se de “um procedimento pluralista e interdisciplinar que consiste em produzir o discurso no momento de pensá-lo como informação e comunicação, capazes de permitir a expressão do significado e do significante” (SILVA, 1996b, p. 80). O ser da linguagem, aquele que “fala” acerca do mundo, é o homem que, ao “falar” do mundo o delimita, de maneira que este acontecimento interfere na forma como o homem pensa a si neste mundo. Pela ontologia se expõe a lógica de processo de construção discursiva em que linguagem e mundo são imanentes ao ser que pensa/fala/age.

Para esta discussão, buscaremos expor a fenomenologia-ontológica estrutural de Silva com algumas considerações da teoria sartreana, que tanto o influenciara. Pela própria exposição objetivamos elucidar o processo de fundamentação do ser do homem. Num segundo momento, será exposto e analisado o silogismo correspondente a esta proposição à luz dos atuais fenômenos, utilizando como menção empírica as relações mediadas pelos meios de telecomunicações, em específico a Internet.

2. Pressupostos de fenomenologia-ontológica estrutural

Armando Corrêa da Silva propõem a fenomenologia-ontológica estrutural que aparece de modo correlato ao silogismo *aparência, ser e forma*, principalmente, num texto intitulado “Aparência, ser e forma: Geografia e método”, como recurso teórico-metodológico, que leve em conta o processo de fundamentação do ser do homem no mundo para os estudos em Geografia (Silva, 1996a).

Poderíamos pressupô-la de maneira simples, *aparência* atrelada à fenomenologia, o *ser* a ontologia e a *forma* ao discurso estrutural. Ou seja, o discurso de fenomenologia-ontológica estrutural é imbricado ao silogismo, o que atribui movimento a teoria para possibilitar a compreensão do movimento do real. Contudo, Silva não parte da aparência para chegar a forma, por que o movimento é fomentado pela contradição, e tampouco parte do ser para compreender o mundo, mas sim do real enquanto totalidade do ser, subjetiva e objetiva, colocando-se a mente como vazio. Como negação da exterioridade.

O ponto de partida é a consideração da abstração em si mesma como objeto. [...] Ela se pondo à mente como vazio, que é aspecto do real concreto em si. O vazio é o *nada*, que a praticidade do universo identifica como uma forma real do existir. O *nada* pode ser pensado como não-ser. O não-ser possui uma espacialidade relacional: os vazios são múltiplos. (SILVA, 1996a, p.99) (grifo nosso)

Silva baseia-se em Sartre ao estabelecer o nada como um elemento do processo de fundamentação do ser que leva à percepção da espacialidade. O nada em Sartre advém da relação entre o ser e a exterioridade imediata, do processo de negação daquilo que é exterior a nós para constituir nossa consciência acerca das coisas do mundo e para o mundo, ou seja, “a consciência não é o seu próprio motivo, sendo vazia de todo conteúdo, [...] a consciência se fundamenta se relacionando com o mundo” (SARTRE, 1997, p.78). Comumente, ao nos relacionarmos com dada exterioridade, focamos nossa atenção em determinado objeto ou coisa, elucidando sua forma pela consciência para negá-la e suprasumi-la; mas é preciso lembrar que toda

forma elucidada tem um fundo. Nenhum objeto ou coisa está especificamente designado para se organizar em fundo ou forma: tudo depende da direção de nossa atenção. Seguindo o exemplo utilizado por Sartre, ao procurar determinada pessoa em um bar, ela é forma e o bar, com seus objetos, é fundo. Esta apreensão de “bar” em fundo é uma nadificação. O bar com seus objetos têm atenção marginal e a nadificação de todas as suas formas é a condição de aparição da forma principal, a pessoa procurada.⁴

A aparição do homem no meio das coisas que o “investem” faz com que se descubra um mundo. Mas o momento essencial e primordial desta aparição é a negação. O homem é o ser pelo qual o nada vem ao mundo. E, ao elucidar o fundo e a forma como elementos objetivos colocados para subjetivação, ora nadificando um, ora outro, o espaço emerge como a categoria da relação entre forma e fundo. É deste modo, que o espaço é compreendido como a transcendência de dada exterioridade e não está posto como algo a ser percebido, constituído, que necessita ser revelado e sim como algo em constituição.

Nota-se que, para ter o ser como referência no discurso, não é possível partir do conhecido e sim do próprio processo de conhecer. Ao partir do conhecido, o discurso privilegiará a função das coisas do mundo, a funcionalidades dos objetos e sua coerência de conjunto, e ao proceder do *processo* de fundamentação do ser destacará o processo de conhecimento do mundo e do próprio sujeito. Aí, Silva propõe a ontologia analítica que se relaciona com a fenomenologia e o estruturalismo, produzindo um discurso de tipo novo, mais apropriado ao estudo do presente (SILVA, 1996c, p.54), utilizando-se do conceito de totalidade no intuito de resguardar o caráter cognitivo da explicação e, ao realizar um recorte epistemológico, cunha o conceito de subtotalidade.

A Geografia é uma subtotalidade. Ela pode ser identificada, no âmbito do conhecimento, como uma ideologia do cotidiano, expressa pela apreensão da espacialidade do valor relacional contido do real. Desse modo, apresenta-se, ao mesmo tempo, como uma essencialidade desse real e como sua manifestação externa. (SILVA, 1996a, p.99)

Compreender a Geografia enquanto subtotalidade é pô-la como conhecimento parcial da realidade, objetivo e subjetivo; ou melhor, da totalidade se realiza um recorte epistemológico para sua compreensão em Geografia. Sendo a totalidade o conjunto das relações essenciais de um fenômeno, o conhecimento geográfico é uma parte dela. Na verdade, quando buscamos compreender a atualidade a questão se coloca de forma diversa, ou seja, o todo é a parte e a parte é o todo. Ou, em outras palavras, o todo contém a parte e a parte contém o todo.

Aqui voltamos às considerações iniciais na medida em que nos deparamos novamente com a abstração enquanto objeto. Houve ganhos no discurso ao considerar a categoria totalidade, mas não houve ganhos substanciais na fundamentação do ser. Por um motivo muito simples: elucidamos o modo como o ser se fundamenta em relação a sua exterioridade imediata, colocando-o em *situação* em que o meio e o espaço pensado estão desabitados, são inertes. Mas estar em situação é “estarmos com as coisas, com os outros homens e numa esfera de significados. Vivemos em situações concretas, *hic et nunc*, e não em situações idealizadas” (SILVEIRA, 2006, p.86). Estar em situação é estar no mundo. A própria existência humana é um conjunto de situações. “A existência é assim a possibilidade de nos referirmos de qualquer modo ao ser” (ABBAGNANO, 1975, p.196), pois esta nos indica a essência humana, o processo de fundamentação do ser do homem em seus aspectos objetivos e subjetivos. O homem enquanto matéria e ideia, pressupondo que é necessário *estar* para *ser*.

É no cotidiano que estamos com os outros, com as coisas, no mundo. Então, não há como não considerar o cotidiano, e com ele, a consciência da situação que não é alheia às diversas percepções e aos valores. As determinações do meio em relação aos homens ganham corpo no âmbito do cotidiano, uma vez que ele lhes é inescapável. Sartre denominou estas determinações ou influências da exterioridade sob o conceito de prático-inerte, que é o reflexo puramente objetivo do homem; isto é, a ação “depositada” nos objetos, algo que é mais ou menos externo ao homem, mas que lhe pertence. É a atividade do homem retomada (SARTRE, 1979).

Se, por um lado, a coerência de conjunto dos objetos técnicos atribui intencionalidades aos objetos que indicam ações e pensamentos que podem direcionar o sentido de localização e orientar o cotidiano dos

⁴ A categoria forma possui significados particulares para cada um deles e não podemos confundi-las. A forma para Sartre é a exterioridade determinada, enquanto para Silva é fruto de dado conhecimento desenvolvido pela relação com a exterioridade e aquilo que Silva coloca para Sartre como não-ser é fundo, pois a forma é determinada.

homens, por outro lado, é no cotidiano que se abrem a possibilidade de construção individual e coletiva de significados, de resistência aos elementos de código e aos cálculos de suas relações.

A dinâmica entre determinações e possibilidades, dos objetos ao homem e do homem aos objetos, ocorre no cotidiano – que é o pensar e fazer do dia-a-dia. Isto inclui a vivência diária, a memória e o imaginário das pessoas em sua relação com o lugar. Contudo, as possibilidades e determinações não se colocam de maneira igual para todos os homens. Cada homem é particular, tem um processo de fundamentação próprio. Por mais que haja elementos sociais e espaciais singulares e universais na constituição do ser de dado homem, *somos* no particular e *é* no cotidiano que o ser do homem se constitui tanto em relação ao meio como em relação aos outros homens.

A relação com o outro também deve fundamentar o *ser* do homem, senão cairíamos num solipsismo. E é na realidade cotidiana que o outro nos aparece. O outro é aquele que aparece a consciência como não *sendo eu*. Esta negação, diferentemente daquela derivada da relação com exterioridade imediata, é recíproca e de um processo de dupla subjetivação. A do outro e a *minha*. Conquanto, se é pela objetividade que percebemos o outro, é preciso que seja uma relação de *ser* para que me fundamente, como coloca Sartre (1997, p.327):

É necessário que sua objetividade não remeta a uma solidão originária e fora de meu alcance, mas sim a uma conexão fundamental em que o outro se manifeste de modo diferente daquele com que é captado pelo conhecimento que dele tenho. [...] remete por essência a uma captação fundamental do outro, na qual este não irá revelar-se a mim como objeto e sim como presença em pessoa.

Desenvolvendo esta ideia de Sartre, Silva afirma que a comunicação da informação indica a possibilidade da recíproca subjetivação, a intersubjetividade, ou seja, uma relação de ser em que o reconhecimento do outro não é reificado pelo movimento entre significante e significado (SILVA, 1996a, p.104-106). A comunicação é um modo de exprimir determinada ideia concreta, “comunicar a informação é, por isto, ir além do ‘ver’”. Implica em mudar o significante com o significado. A comunicação apreendida é a comunicação da qual se faz a leitura que mobiliza a abstração em direção a ideia nova” (SILVA, 1996a, p.104-105).

Em suma, é só quando se considera a mediação e permuta das diversas escalas geográficas e sociais que incidem, também, no indivíduo, fundamentando seu ser, pelo âmbito do cotidiano, que se realça o conflito entre as possibilidades e as determinações. Deste modo, para Silva (1997, p.66):

A Geografia é uma ideologia do cotidiano, o que me coloca desde logo como sujeito da ação, embora eu, se tenho o controle, posso decidir, o que é um ato de liberdade numa configuração espacial.

Na medida em que a escolha é um ato de liberdade, ela se defronta com o mundo das determinações, ou seja, da necessidade. É pela nadificação da exterioridade que se compreende a espacialidade, tomando-se consciência do espaço, ou seja, pressupondo relações entre as coisas que não tem qualquer relação *inerente* entre si que é possível ter consciência das determinações atribuídas aos objetos para então exercer o ato de liberdade.

Trata-se de um movimento de pensamento que parte do abstrato, ou seja, o nada como conteúdo primeiro da consciência, que se defronta com a ideia concreta para o mundo, em direção a uma ideia abstrata qualitativamente diferente da primeira. Coloca-se em movimento o pensamento evidenciando a relacionalidade. Em outras palavras, o homem se relaciona com sua exterioridade imediata e identifica a espacialidade do mundo, pondo-se em relação ao mundo e estabelecendo as relações para as coisas do mundo emerge a categoria espaço como aquela que fundamenta a organização do mundo. Eis que o ato de liberdade só se faz consciente quando buscamos compreender a relacionalidade organizacional do mundo, pois:

Não só a consciência humana, mas também o comportamento, começam a ser moldados com o objetivo de produzir no máximo a percepção da utilidade. [...] Abstrair é, assim, descoisificar, como ponto de partida o trabalho. Repondo-se o nada, põe-se novamente a subjetividade. (SILVA, 1988, p.112)

Abstrair é ir além. O além é transcender a operacionalização dos objetos e dos sujeitos em direção a ter si próprio como sujeito do processo, que se defronta com a liberdade dos outros e com as determinações do mundo, pois, separando em sujeito e objeto, em pensante e pensado, o discurso não capta os conflitos entre possibilidades e determinações. É necessário abordar o ser como demiurgo e criatura.

Eis que o silogismo *aparência, ser e forma*, desenvolvido por Silva, surge nesta proposição discursiva pondo a consciência como extra-territorialidade, “negando a inércia do pensamento concreto, pois nada é mais abstrato do que o concreto, apesar de ser o ponto de partida da materialidade, é a materialidade que sufoca o sujeito pela instrumentalidade imposta pela práxis atual” (SILVA, 1996a, p.110). O que se busca é a abstração que indique outro sentido que não os das inerências materiais, a matéria trabalhada, que é o nada, para evidenciar a relacionalidade das coisas do mundo. É percebendo uma espécie de cercamento das ideias pelas intencionalidades atribuídas aos objetos, fruto de determinado processo produtivo, que se torna necessário pôr a matéria trabalhada num contexto de mundo que se distancia da dureza de sua instrumentalidade.

3. Aparência, ser e forma: em direção à ontologia do espaço

A proposição discursiva de fenomenologia-ontológica estrutural se trata de um esforço de colocar a compreensão do ser no centro do debate em Geografia na medida em que “decifrar a forma, que é resultado e ponto de partida, implica ter o ser como referência analítica, mas que só se mostra como aparência” (SILVA, 1996b, p.80).

Os dois momentos qualitativamente diferentes da *categoria forma* na fenomenologia-ontológica estrutural presumem o movimento de pensamento, perpassando o *ser*. O primeiro momento é a forma enquanto aparência e, o segundo, ela enquanto dotada de certo conteúdo. “Ora, recuperar a visão da aparência é o ‘ver’ carregado de subjetividade. O espaço tempo vivido é, assim, apenas uma mediação. Há que ultrapassar o seu significado empírico, para a ideia repor-se como ideia, ou seja, como abstração” (SILVA, 1996a, p. 114).

A aparência é o elemento primeiro. No mundo dos fenômenos, o aparente é o real apenas como objeto separado de seu significado para o sujeito, ou seja, como a forma e conteúdo destituídos de interesse. Para ultrapassar a aparência é necessário *vivenciar o lugar*. O objeto enquanto aparência depois de vivenciado ganha novos contornos e é subjetividade-objetivada. Muda-se o objeto e se muda o sujeito. Nas palavras de Silva (1996b, p.79):

A aparência é o ver, o olhar, o enxergar, o observar, o pensar e o refletir externos a consciência, ante a qual se põe. [...] O ser da conta da interioridade do olhar, do ver, do enxergar, do observar e do refletir. Não as palavras, agora, mas as categorias e os conceitos. Mas, há uma teoria e método da aparência e uma teoria e método de ser, cuja articulação deve ser feita, na passagem do abstrato ao concreto. Ora, há que retornar ao abstrato, então como modo. É o âmbito da forma. Mas, em movimento.

Para esta citação fazemos a ressalva que se deva considerar que os demais sentidos humanos também se interagem nesta apreensão das formas aparentes, aparência. A forma aparente se realiza nos sentidos e os sentidos na forma aparente, não um depois o outro. Senão recairíamos numa indagação que levaria a uma tautologia, como: o gosto tem forma ou dada forma tem um gosto?

Dando seguimento, o *ser* é o termo médio do silogismo e também o elemento pelo qual a *aparência* ganha novas tonalidades para emergir enquanto *forma*. Esta perspectiva de abordagem que coloca o ser do homem como referência, é denominada por Silva (1996b, p.80) de *ontologia analítica* em que o “discurso é sempre prospectivo, buscando o imaginário no real, que contém a subjetividade e a objetividade, em direção à superação do horizonte enquanto máxima consciência possível”.

A ontologia analítica é o cerne do silogismo que, por sua vez, é a estrutura lógica do discurso da *fenomenologia-ontológica estrutural*. Este discurso é uma tentativa de conjugar a teoria e o método da aparência e a teoria e o método do ser. Silva busca construir uma teoria híbrida, com diversas vertentes teórico-metodológicas, que aponta para a compreensão da organização do mundo por suas estruturas, que se mostrará enquanto forma.

A forma é a consciência reflexa do mundo, ou melhor, *consciência refletida*. É o ato da abstração trabalhado e em forma superior. Daí que o resultado é a meta-linguagem e a meta-teoria. “A meta-linguagem

e a meta-teoria só são possíveis como objetivação da abstração. Mas, uma abstração como concretude da ideia abstrata” (SILVA, 1996a, p.116). Eis o reino da teoria e, para pensá-lo, é necessário ter a *razão como pressuposto* e, com esta, a *abstração*. A abstração reaparece não mais como nada, mas como ponto de partida para o raciocínio. Como ideia concreta.

Aqui, o objeto deve refletir na consciência como ideia organizada, concreta. Então, pensar o espaço defronta-se com a espacialidade, que é a aparência. A ideia organizada e concreta é o espaço. Este é o espaço da mente.

Como o tempo e o movimento, o espaço é fundante do existir e, portanto, do pensar. Mas, essa constatação é resultado, desde logo de pensar o espaço. Pensá-lo como dado e pensá-lo como artefato que a mente projeta.[...] O espaço é o real e o imaginário. (SILVA, 1996a, p.117).

Pensar o espaço é dar concretude à ideia de espaço. É pô-la em movimento como elemento fundante e fundado do existir. É captar o movimento da forma enquanto acumulação diversa e múltipla dos tempos. Captar sua lógica. É no momento que se busca apreender a consciência da forma e os seus usos pelos homens que a Geografia pode ser entendida como uma *ideologia do cotidiano*, tendo no cerne do discurso a *ontologia analítica*. Só que aqui se delineia uma ontologia de novo tipo como consciência do espaço. Eis a *ontologia do espaço*.

4. Internet, ser e espaço

Buscaremos desenvolver o silogismo aparência, ser e forma no intuito de colocar algumas proposições para a compreensão do processo de fundamentação do ser do homem quando suas relações são mediadas pelos novos meios de telecomunicação, em específico a Internet. A mudança dos termos para *Internet, ser e espaço* evidenciam que o dado imediato que se põe à análise são as relações virtuais, designadamente aquelas da Internet. Como se parte de uma relação imediata com características diferentes daquela que se tem com o meio material, a forma ganha novos contornos, assim como o ser.

A Internet é o dado imediato que se põe para a consciência no desenvolvimento deste silogismo, correlato à aparência. Como um tipo de instrumento que possibilita aos homens realizar suas tarefas cotidianas e se relacionar com o mundo, só de que de um novo modo. Novo, porque a materialidade que constitui a rede de Internet é, de certo modo, suprasumida pelos mais diversos discursos em prol de uma relação objetiva que pode *representar* certa materialidade de lugares distantes. A objetividade aqui possui novo contorno e possui aspectos relevantes nesta relação e confundi-la com a materialidade é não lhe dar o devido acento.

A objetividade é “oposto ao subjetivo, no sentido de individual. Válido para todos os espíritos e não para este ou aquele indivíduo.” (LALANDE, 1999, p.750). A objetividade é uma forma da realidade co-existente a um sujeito e sua apreensão é independente de qualquer conhecimento ou *ideia*, justamente porque a subjetividade pertence ao pensamento humano em oposição ao mundo físico, objetivo. A matéria, por sua vez, do ponto de vista da Filosofia, é a maior de todas as abstrações, está em oposição ao espírito e sempre atrelada a forma de sua *matéria*. Ou seja, a matéria é contraditória a ideia e a objetividade a subjetividade, todas são partes e momentos de um mesmo processo que se realiza somente pela relação dos homens com o meio. A objetividade consiste em tornar objeto à consciência determinado fenômeno do real, que pressupõem a matéria como um dos seus atributos, que se manifestará a consciência objetiva enquanto forma do fenômeno, numa contradição a ideia que pode possibilitar seu entendimento. Dentre estas considerações, como há alteridade a ideia nas relações virtuais na medida em que não há matéria na relação? E qual o caráter espacial e temporal deste tipo de relação?

Para construirmos uma proposição satisfatória é necessário perdermos o foco desta discussão, ou seja, abandonar provisoriamente a relação do ser como sua exterioridade imediata, a Internet, trazendo alguns elementos que possibilitam sua compreensão estrutural. Estaremos no âmbito do conhecido, logo da *forma*, do modo proposto por Silva, como determinado conhecimento que compõe esta relação, mas aqui no intuito de reiterar a aparência.

O desenvolvimento dos sistemas de computação funciona em dois âmbitos de desenvolvimento imbricados: o de *softwares* e o de *hardwares*. O desenvolvimento do *software* é estritamente ligado ao do *hardware*. Isto faz com que o trabalho intelectual destinado aos *softwares* pressione os tecnólogos,

responsáveis pela base técnica e científica dos aparelhos eletrônicos. Com efeito, o *software* funciona como elo estratégico entre a base operacional e material (*hardware*) e os modos de cooperação social que se estabelecem entre os usuários (interface) no formato de hipermídia. Ocorre que, quanto mais *bits* por segundo se consegue fazer passar por um canal de comunicação (rede), mais complexas e sofisticadas se tornam as relações. É pelo conjunto de objetos técnicos estruturados sob a forma de sistemas que vai ser possível, aos usuários, a utilização destas mediações eletrônicas.

A rede de Internet se configura num sistema de comunicação na medida em que sua base operacional e material é formada por um conjunto de objetos técnicos com funções específicas que quando articuladas possibilitam a sua utilização aos usuários. De forma geral, é pela articulação entre diversos tipos de roteadores e servidores, que gerenciam e distribuem o transporte de dados pelo sistema, interligados por cabos que a ela se apresentará ao usuário final por meio de seu computador na forma de aplicativo de hipermídia que busca representar alguns fenômenos. São estes objetos técnicos que caracterizam a materialidade da rede de Internet, que organizados em sistema podem se tornar um instrumento aos seus usuários pela objetividade da hipermídia.

Retomando a discussão pelo viés da aparência, enquanto relação de ser, temos: o *software* se manifesta ao usuário no formato de hipermídia, com características estritamente objetivas; por sua vez, os *hardwares* que compõem o sistema são objetivos e materiais. A materialidade dos *hardwares* são o que possibilita quaisquer relações virtuais, ou seja, para que o *software* exerça sua operacionalidade é imprescindível a existência da máquina. As relações possíveis por este sistema se caracterizam pela subjetividade e, quando realizada com outras pessoas, como, por exemplo, via Internet, é intersubjetiva. Contudo, a objetividade da hipermídia é objetividade subjetivada – linguagem – e, no circuito da abstração, ganha concretude. O usuário identifica as múltiplas determinações por meio das imagens de hipermídia para realização de permuta.

A alteridade com a ideia se desenvolve pela materialidade do *hardware* que ao mesmo tempo possibilita a objetivação de uma subjetivação prévia, a linguagem, que se manifesta no formato de hipermídia. O processo de fundamentação do ser ainda ocorre como fora exposto, ou seja, pela negação da exterioridade imediata, pressupondo a sua interioridade. O objeto é subjetivado e se forma a ideia abstrata. O processo de subjetivação de dada objetividade se suprasume, ou seja, retém a relação com a objetividade na memória, pressupondo o antes e o depois e o aqui e o ali da relação virtual. A permuta se realiza pelo jogo entre significante e significado e a ideia abstrata se confronta com a ideia concreta em formação. Eis que a linguagem de hipermídia e sua concreticidade se manifestam quando se tem consciência das determinações e possibilidades desta relação.

É pela relação objetividade-subjetividade e pela negação de dada forma objetiva que emerge o espaço enquanto transcendência de dada imanência. Ou seja, o ser pondo em relação o aqui e ali e o antes e o depois, nadificando e suprasumindo o espaço emerge como uma *categoria relacional*, como categoria do conhecimento posta à consciência, categoria que aponta para a organização dos objetos. Na efetividade destas relações intersubjetivas via Internet que um elemento merece destaque em comparação com as relações face-a-face ou a relação com a pessoa em presença, para compreensão do processo de fundamentação do ser do homem.

Primeiramente, a relação é intersubjetiva porque se realiza mediada por linguagens, ou seja, há comunicação da informação, como ocorre com as relações face-a-face.

A efetividade da comunicação põe-se como o existir dos outros. Mas, apenas se é um existir não reificado, porque nesse caso as relações somente objetivas. A informação não se manifesta como trabalho vivo, que implica a motivação.

Comunicar a informação é, por isso, ir além do 'ver'. Implica em modificar o significante e o significado. (SILVA, 1996a, p. 105)

A relação face-a-face trata-se de uma *relação de ser*. Como fora exposto, o outro deve fundamentar o ser do homem. O outro é aquele que aparece à consciência como não *sendo eu*. Enfim, é pela objetividade que percebemos o outro. É desenvolvendo estas ideias de Sartre, que Silva afirma que a comunicação da informação indica a possibilidade da intersubjetividade. Contudo, para as relações virtuais, a presença do outro não se faz objetiva e tampouco material. O outro é conjectural e a relação ocorre por meio do uso de determinada linguagem. A informação é objetivada normalmente na tela e a informação desta comunicação perpassa o uso de diversas linguagens.

Nas relações de Internet há uma espécie de presença-ausência do outro, ou melhor, de alguém. Não se trata de uma presença em pessoa e tampouco ausência. A relação estabelecida é com um alguém, *o outro* não determinado. A mediação pelo uso de linguagens caracteriza a presença, mas ausente porque não tem localização (*sine locus*) efetiva perante o *eu*. Assim, o *alguém* pressupõe o outro enquanto homem provável. O outro é conjectural e idealizado. O *eu* para o outro possui as mesmas características que o outro para *mim*. Sou um outro provável.

As relações pelas mediações eletrônicas são crivadas de subjetividade, sendo sua objetividade expressa pela linguagem, que é subjetividade objetivada. Determinados sentimentos e sensações são pulverizados, ou melhor, devem ser reinterpretados na medida em que o outro é uma espécie de presença-ausência. Nesse sentido, por exemplo, o sentimento de perigo e o medo ganham outras conotações. Sartre (1997 p.344) afirma que:

Enquanto sou instrumento de possibilidades que não são minhas possibilidades, cuja pura presença para-além de meu ser só posso entrever, e que negam minha transcendência para constituir-me como meio e rumo a fins que ignoro, *estou* em perigo. [...] o medo (sentimento de *estar* em perigo frente à liberdade do outro). (grifo nosso).

O estar conota *localização*, que por sua vez presume uma relação objetiva e material com o outro. O que pelas relações eletrônicas não é possível, a não ser de modo conjectural. Estamos em perigo quando sentimos nossa objetividade ameaçada pela liberdade do outro, quando minha transcendência é negada e sou estritamente objeto para o outro. O medo, sentimento derivado, e o perigo são pulverizados nas relações eletrônicas e muitos dos parâmetros morais são subvertidos. Pode-se afirmar que há linguagens e comportamentos específicos que presumem uma espécie de moral específica para as relações virtuais. Contudo, estas relações têm como base aquelas de caráter objetivo e material, podendo levar a construir valores e referenciais espaço-temporais híbridos, em alguns casos, com pesos diferenciados para um dos lados. Cabe-nos atentarmos a elas para os estudos em Geografia.

Neste ponto, podemos iniciar o fechamento da nossa discussão. Fomos da aparência ao ser, ou melhor, como o ser apreende dada aparência, no caso a hipermídia, em busca da forma. O ser apreende a espacialidade para, num momento seguinte, fazer emergir o espaço como categoria que possibilita a compreensão do real como um modo de existir das coisas. Contudo, partindo do meio virtual, das relações pela Internet, não se pressupõe que o espaço seja um espaço virtual ou *ciberespaço*. O que mudou foi a exterioridade imediata, que qualitativamente vai mudar o ser e a forma, não havendo necessidade de adjetivação da categoria espaço, pois a essência do ser permanece, ele é.

Diferentemente, a aparência e a forma, derivadas desta relação, mudaram por considerarmos novos elementos do processo de fundamentação do ser. Se há novas características da aparência que, por ora, incidem na forma, podemos afirmar que a forma é o espaço crivado pela relação virtual, e por aí as categorias de análise geográficas devem emergir como determinado conhecimento específico da realidade. E como:

Só conseguimos observar detalhadamente aquilo que possui um significado para nós [...] Assim, o conhecimento é um processo que se realiza como uma via de mão dupla: na medida em que buscamos aprofundar o significado do que já conhecemos, novos elementos se apresentam. (MELLO et. al., 1999, apud FERRAZ, 2001, p.44).

É por meio de imagens que os usuários “navegam” na Internet, relacionando-se com uma infinidade de imagens descontextualizadas – e, seja por colocá-las em relação umas com as outras ou por colocá-las em relação com as experiências derivadas das relações materiais – eles identificam as intencionalidades – territorialidades – ali expressas, o que possibilita ao homem identificar certa lógica; logo “movimentar-se”, interagir com esta mediação eletrônica. Por este processo de interação a cada nova intencionalidade identificada outras mais se apresentam e se relacionam com as primeiras, formando um conjunto que pode ser objeto de significados e entendimentos para seus usuários e que pode se renovar a cada novo acesso à Internet. Por esta relação se delineia novas formas de percepção e de interação com o mundo, interferindo diretamente na nossa capacidade de ler e representar o espaço, na mediada em que o homem passa a experimentar o mundo num jogo de múltiplas escalas que se interagem, em que as diferentes distâncias se esvaem em meio às relações de interface. Aí o movimento não implica mais em deslocamento e a localização passa a ser redimensionada.

É na identificação deste processo gnosiológico que as categorias de análise geográfica nele se inserem como elemento contraditório à ontologia, mas que a motiva. Em outras palavras, “paisagem, território e região não são nomes de diferentes tipos de lugares. Na verdade trata-se dos diferentes níveis de conhecimento que construímos sobre um mesmo lugar (ou conjunto de lugares)” (SANTOS, D., 2007, p.6). As categorias ressurgem como dado conhecimento do processo de construção cognitiva perpassando na fundamentação do ser do homem em *situação*. *Estar* em situação é *ser* num lugar, como um conjunto de significados fundantes e fundados que possibilita ir além, em busca de novos significados e entendimentos deste lugar no mundo, que presume a identificação de novos lugares, paisagens e territorialidades características a cada lugar, num processo de re-significação perpétuo. Cada vez mais, se identificam, significam e se busca entender as diferentes formas e tensões do lugar ou lugares da relação, formam-se conhecimentos do lugar e dos lugares, mas este pode ser um lugar mediado eletronicamente.

5. Diálogo final

A proposta de fenomenologia-ontológica estrutural pode ser um caminho possível para compreender alguns fenômenos contemporâneos, como no caso das relações virtuais, pois ela possui, como base, a congregação dos aspectos subjetivos e objetos no processo de fundamentação do ser do homem no âmbito do cotidiano. Milton Santos (1994; 1996; 2002) afirma a importância do cotidiano como espaço da emoção ou o espaço banal, que manifesta os aspectos subjetivos e objetivos do ser, o lugar do acontecer solidário, porque nem todas as ações nem todos os objetos se aderem à racionalidade do período. Contudo, ele não coloca o âmbito do cotidiano e a cotidianidade no centro dos seus estudos. Ele busca, em geral, compreender as estruturas sociais e espaciais. Por outro lado, Silva tem, no cotidiano e na cotidianidade, a principal dimensão dos seus estudos. Como espaço de vida, da existência humana. O âmbito que subjetividade e objetividade se manifestam em decorrência do conflito entre as determinações e possibilidades que fundamentam o ser do homem para o mundo.

Então, é necessário frisar que ambos versam sobre a ontologia do espaço. Santos a compreende como sendo “a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica” (SANTOS, M., 1996, p.28-29) e Silva, como conhecimento do ser para o mundo, ou seja, a forma. Silva coloca no centro da discussão para os estudos em Geografia o ser do homem enquanto Santos a categoria espaço. Isto não quer dizer que há um discurso correto e sim que partilham de perspectivas teórico-metodológicas diferentes e que cada um propõe certa leitura de mundo.

Pela ontologia do espaço proposta por Milton Santos, em que a categoria espaço geográfico ou mesmo seu sinônimo, o conceito de meio técnico-científico informacional (SANTOS, 1994, p. 123), é o cerne de uma propositura que permite abordar e analisar a localização, distribuição e a organização dos objetos técnicos e seu respectivo conjunto de ações, dando relevo às intencionalidades atribuídas ao meio pelos atores hegemônicos. Este meio preenche de intencionalidades pode indicar as ações dos homens, assim como, o modo como os homens percebem, representam e se entendem como no ser no mundo. Há a reprodução das ideologias amparadas no atual modo de produção, que podem segregar os homens de suas relações sociais e com os lugares. Mas, quem é o homem desta relação? Qual o modo que esta relação pode influenciar o entendimento de mundo dos homens? Como os homens atribuem intencionalidades ao meio?

Para colocar alguns indicativos de repostas é necessário pensar a Geografia, também, como conhecimento do mundo e do homem ou do mundo a partir do homem. Daí a proposta elaborada por Armando Corrêa da Silva de fenomenologia ontológica estrutural se coloca como pertinente para responder as questões colocadas a partir do momento em que o cotidiano é a principal dimensão do real a ser considerada e o processo de fundamentação do ser do homem para o mundo pode trazer para os estudos em Geografia.

É notório que para compreender as relações dos homens por meio das mediações eletrônicas é necessário se buscar compreender a lógica de estruturação deste sistema de telecomunicação, que irão se manifestar aos seus usuários na forma de hipermídia, influenciando no processo de fundamentação do ser do homem na forma de determinado tipo de conhecimento da realidade. É neste ponto que “a ontologia analítica relaciona-se à fenomenologia e ao estruturalismo” (SILVA, 1997, p.54), se tornando necessária a tentativa de desenvolver um discurso que congregue o processo de fundamentação do ser do homem para o mundo e que evidencie a compreensão das estruturas sociais e espaciais, só que aqui levando em conta o processo de significação e fundamentação do homem para o mundo.

Contudo, este texto é apenas o início de uma empreitada, com seus desvios, contradições, proposições e percalços. Um destes percalços já se evidenciou no desenvolvimento do silogismo aparência, ser e forma. Vejamos: quando Silva propõe a meta-teoria e a meta-linguagem como consciência reflexa, propondo a consciência *de* espaço, ele estabelece esta categoria como objeto da consciência, como reflexão refletida. A *consciência de...* nos escritos de Silva, pela própria lógica de seu desenvolvimento teórico, é derivada, principalmente do “Ser e o Nada: ensaio de ontológica fenomenológica” de Sartre. Sartre afirma que utiliza este procedimento para evitar o solipsismo recorrente de outras teorias existencialistas – como as de Hegel, Husserl e Heidegger, por exemplo, (SARTRE, p.302-325). Mas fica, finalmente, as perguntas: se de um lado evitamos o solipsismo, do outro não podemos nos afastar das relações reais? E, como é possível buscar uma explicação da relação dos homens para o mundo amparados num silogismo? Tal, procedimento cerceia o pensamento ou coloca a indicativos que devem ser melhores explorados fora desta propositura?

Referências bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia**. Lisboa: Presença, 1970.
- FERRAZ, Cláudio Benito. O. **Geografia e paisagem: entre o olhar e o pensar**. São Paulo: FFLCH/ USP, 2001. (Tese de Doutorado).
- LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da Filosofia**. Martins Fontes: 1999.
- MARTINS, Élvio Rodrigues. Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser. **GEOUSP**, n. 19, 2006. São Paulo: FFLCH/USP, p. 33-51.
- MEGALE, Januário Francisco. **Max Sorre: Geografia**. São Paulo: Ática, 1984.
- MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico?** São Paulo: Contexto, 2006.
- SANTOS, Douglas. **O que é a Geografia?** In: VI Encontro Nacional de Geografia: Fala Professor. Concepções e fazeres da Geografia na Educação: diversidades em perspectivas, 2007, Uberlândia. (material de apoio de mini-curso)
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SARTRE, Jean-Paul. **Crítica de la razón dialéctica**. Buenos Aires: Losada, 1979.
- SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada. Ensaio de Ontologia Fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SILVA, Armando Corrêa da. Aparência, ser e forma: Geografia e método. **Geografia: modernidade e pós-modernidade**. Presidente Prudente, 1996a. (Apostila destinada ao curso de Pós-Graduação em Geografia da FCT-UNESP, campus de Presidente Prudente), p. 95-126.
- SILVA, Armando Corrêa da. Ontologia analítica: teoria e método. **Geografia: modernidade e pós-modernidade**. Presidente Prudente, 1996b. (Apostila destinada ao curso de Pós-Graduação em Geografia da FCT-UNESP, campus de Presidente Prudente), p. 78-82.
- SILVA, Armando Corrêa da. O método da Geografia: uma ontologia do espaço? **Geografia: modernidade e pós-modernidade**. Presidente Prudente, 1996c. (Apostila destinada ao curso de Pós-Graduação em Geografia da FCT-UNESP, campus de Presidente Prudente), p. 53-56.
- SILVA, Armando Corrêa da. Consciência espacial. **Geografia e mudança cultural**. São Paulo: 1997. (Apostila destinada ao curso de Pós-Graduação em Geografia da FFLCH-USP), p. 61-66.
- SILVEIRA, Maria Laura. O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. **GEOUSP**, n. 19, 2006. São Paulo: FFLCH/USP, p. 81-91.